



## O CAMINHO DE *KOHAI* A *SENSEI*<sup>1</sup>: PERFORMANCES E RITOS DE PASSAGEM NOS EXAMES DE GRADUAÇÃO NO KARATE-DO

*The path from kohai to sensei:  
Performances and rites of passage in the belt exam in the karate-do*

Lucas Monteiro<sup>2</sup>

Karate não é algo simples como ensinar apenas a lutar  
Kaneji Uechi, Mestre 10º Dan do estilo Uechi-Ryu

### RESUMO

Esta pesquisa se trata de uma reflexão acerca dos ritos de passagem e performances desenvolvidas nos exames de faixa do karate. A metodologia utilizada é a de pesquisa bibliográfica, tendo como objetivo utilizar a literatura disponível para compreender e analisar os processos performáticos dos ritos de passagem no karate. Os objetivos específicos são a contextualização do conceito de ritos de passagem apresentados nas obras de Victor Turner (2005) e Richard Schechner (2011), e a descrição de um exame de faixa preta. É possível compreender que as performances são objeto central dos ritos de passagem no karate, através da performatização bem sucedida dos elementos marciais da arte é outorgada a faixa preta e aberta a passagem qualitativa do sujeito de *kohai* a *sensei*, sendo a faixa preta o começo dessa caminhada.

**Palavras-chave:** Karate. Performances. Ritos de passagem. Performances Culturais.

### ABSTRACT

This research is about a reflection over the rites of passage and the performances developed in the belt exams of the karate. The methodology used is the bibliographical research, with the objective to use the available literature to comprehend and analyse the performatic processes of the rites of passage of the karate. The specific objectives are to contextualize the concept of rites of passage presented in the work of Victor Turner (2005) and Richard Schechner (2011), and the description of a black belt exam. It is possible to understand that the performances are the central object of the rites of passage in the karate, through the successful performatization of the martial elements of the art is granted the black belt and opened the qualitative passage of the subject from *kohai* to *sensei*, being the black belt the beginning of this path.

**Keywords:** Karate. Performances. Rites of passage. Cultural Performances.



<sup>1</sup> Respectivamente “Aluno” e “Professor” em tradução literal da língua japonesa.

<sup>2</sup> Graduado em Educação Física (UEG). Mestre e doutorando em Performances Culturais (UFG). Atleta e professor de karate, faixa preta no estilo Uechi-Ryu. Praticante e atleta de jiu-jitsu. Email: [professormonteiroef@gmail.com](mailto:professormonteiroef@gmail.com). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5919186048570621>



## 1 INTRODUÇÃO

Karate-do significa caminho das mãos vazias em tradução literal do idioma japonês. O conceito caracteriza um caminho interminável para aqueles que o adotam como estilo de vida e buscam o aperfeiçoamento das técnicas e da filosofia desta arte. O karate é uma arte marcial de origem oriental que carrega em si características marcantes da cultura e da filosofia japonesa, sendo possível destacar a hierarquia e busca constante por aperfeiçoamento das habilidades. O percurso entre o aprendizado e a maestria das técnicas apreendidas no karate é longo e com diversos eventos que marcam as diferenças entre os aprendizes e os mestres.

O treino desta arte marcial é extenso, não sendo possível desenvolver grandes habilidades em um período curto de tempo, por vezes, professores experientes não chegam a mencionar a questão do tempo para seus alunos (MATTSON, 2009). Gichin Funakoshi, homem responsável pela difusão da arte, acreditava que o karate não se reduzia ao aprendizado de técnicas e habilidades defensivas, mas também do domínio da arte de ser um cidadão bom e honesto (FUNAKOSHI, 2000). As habilidades técnicas e os conceitos filosóficos são adquiridos e aperfeiçoados durante anos, ao longo do percurso de aprendizagem.

O nível dos praticantes é demonstrado no karate através das faixas, diferentes cores mostram os diversos níveis de aprofundamento e conhecimento na arte. A verificação de aprendizagem dos alunos é realizada de forma constante a cada aula executada, mas também é feita de forma mais criteriosa nos exames de faixa. Durante os exames de faixa o praticante deve demonstrar que domina habilidades técnicas e conceitos filosóficos determinados pelos professores para que avance de nível e possa trocar de faixa. Esses exames são eventos importantes na prática do karate, sobretudo o exame para a faixa preta, em que o praticante deixa de ser aluno ordinário e assume um papel de maior importância.

O objetivo geral deste artigo é relacionar o exame de faixa do karate com os ritos de passagem apresentados nos estudos de performance presentes na obra de Victor Turner (2005; 1974) e Richard Schechner (2011). Tendo como objetivos específicos a contextualização dos ritos de passagem presentes nas obras dos autores supracitados e a descrição de um exame de faixa preta no karate. A abordagem metodológica utilizada neste texto é a de pesquisa bibliográfica, buscando descrever o objeto de acordo com a produção bibliográfica relacionada ao karate e aos estudos em performance (LAKATOS & MARCONI, 2003).

Será realizado no primeiro tópico a descrição do rito do exame de faixa presente no karate, relacionando a tradição oral e as regras oficiais. No segundo tópico será apresentado o conceito de ritos de passagem conforme a literatura selecionada. O terceiro tópico contém as fases do exame de faixa conforme os ritos de passagem. Por fim, é apresentada uma breve discussão das relações dos ritos de passagem com a cultura de arte marcial. Não se pretende, com este trabalho, o enclausuramento de conceitos, busca-se a abertura para novos diálogos, e novas articulações e pesquisas relacionadas ao karate e aos estudos em performances.



## 2 OS EXAMES DE FAIXA

A faixa utilizada por uma pessoa que pratica karate é uma demonstração de seu tempo de dedicação ao treinamento e em certa medida reflete a experiência adquirida ao longo dos anos. Inicia-se o treinamento na faixa branca e à medida que se incorpora o conhecimento, se apreende as técnicas, compreende-se comportamentos específicos e habilidades necessárias para a prática marcial é possível avançar de nível e mudar de faixa. Cada escola tem sua autonomia para determinar os conhecimentos necessários a cada nível e quais faixas utilizar. O *sensei* tem a autonomia para determinar quando é o momento de mudar de faixa de acordo com a frequência de treinamento e dedicação do praticante.

A mudança de faixa acontece em uma cerimônia à parte do treinamento realizado em dias ordinários. A cerimônia consiste em uma verificação de aprendizagem em que o praticante deve demonstrar que domina o conjunto de técnicas e conceitos filosóficos pertinentes ao seu nível. É necessário demonstrar os socos, chutes, bloqueios, realizar demonstrações, responder a comandos em língua japonesa e perguntas sobre os processos históricos e filosóficos da arte marcial. Conforme se avança nas faixas o nível de aprofundamento e domínios desses conceitos é exigido com maior rigor durante os exames de graduação, requerendo maior dedicação por parte do praticante.

As cores utilizadas por cada escola vai de acordo com o sistema adotado, que pode ser diferente de acordo com a federação ou linhagem a qual se vincula, entretanto, duas faixas são comuns a qualquer estilo de karate, a faixa branca e a faixa preta. A primeira, adorna uma pessoa recém chegada à arte marcial que ainda tem um longo caminho a percorrer e diversos ritos e processos de aprendizagem para se integrar, incorporar e interpretar. A segunda, é ostentada por uma pessoa que dedicou longos anos ao estudo e estilo de vida do treinamento marcial, que está apta a compartilhar todo o conhecimento adquirido com os neófitos.

A condução de um exame de faixa se dá de forma semelhante a uma aula, entretanto, a intencionalidade e finalidade de ambos os ritos são diferentes. Em uma aula, ao se chegar no *dojo*<sup>3</sup>, troca-se a roupa e se coloca a vestimenta tradicional, pede-se permissão para adentrar o tatame e aguardar o *Sensei* iniciar. É realizada a saudação inicial e em seguida dá-se prosseguimento ao aquecimento, treina-se as técnicas básicas com intervenções de correção por parte do instrutor, executa-se o treinamento de *kata*<sup>4</sup>, realiza-se as lutas, e por fim o instrutor tem um tempo para conversar o que for necessário. Realiza-se a saudação final e se encerra a aula. É um padrão que pode variar de acordo com a metodologia proposta para o ciclo de treinamentos, mas de forma geral ocorre desta maneira.

Durante o exame de faixa todo o processo se dá de forma semelhante, porém, o nível de rigor é diferente. Participam da cerimônia apenas os alunos que estarão sendo avaliados, os demais, quando presentes, só observam. As intervenções do instrutor se dão apenas no sentido de orientar qual comando deve ser demonstrado pelo examinado. Geralmente se inicia pelo teste

<sup>3</sup> Lê-se “*dojo*”. Local de treinamento em tradução literal da língua japonesa.

<sup>4</sup> Lê-se “*katá*”. A tradução literal do termo em língua portuguesa significa “forma”. Refere-se a exercícios com movimentos pré-determinados, também conhecido como luta imaginária.



físico, em sequência se realiza a demonstração das técnicas básicas, seguido pela demonstração de *kata*, seguido pela luta e finalizando com a sabatina da banca examinadora. O número de técnicas exigidas e o aprofundamento delas, bem como dos conceitos filosóficos, se tornam maiores a cada exame de faixa. O rigor da avaliação por parte dos instrutores se torna maior à medida que os anos vão passando e as faixas vão ficando mais escuras.

As orientações para a condução de um exame de faixa preta segundo a Confederação Brasileira de Karate Interestilos<sup>5</sup> (CBKI) exige os seguintes conhecimentos dos candidatos: *Kihon*<sup>6</sup>, referente às técnicas de movimentação, chutes, socos, bloqueios, bases; *Kata*<sup>7</sup> de níveis iniciais e também avançados e suas aplicações; *Jyu ippon kumite*, um combate com ataques previamente determinados e possibilidades abertas de defesa por parte do examinado; *Shiai kumite*, uma forma de combate de competição com movimentações livres de ambos os participantes buscando a marcação de pontos; Leitura de texto dissertativo autoral com o tema “o karate em minha vida”; Sabatina pela banca examinadora.

Além dos aspectos mencionados acima, a banca tem autonomia para solicitar repetições de um ou mais quesitos de avaliação para melhor observação, além de também ter liberdade para solicitar demonstrações de técnicas ou respostas de perguntas que não estão previstos no programa de examinação mas que fazem parte do treinamento de karate e da prática de artes marciais, a exemplo de questões de arbitragem. É necessário que a pessoa que se candidata à faixa preta demonstre boa performance técnica e grande desenvolvimento filosófico e metodológico pertinentes à arte marcial. Informalmente, também é exigido do candidato boa conduta moral e ética perante a comunidade marcial e a sociedade em geral.

Em uma entrevista, o Mestre japonês Shinyu Gushi, 10º Dan no karate Uechi-Ryu, relatou que desde os primeiros socos investia grande parte do dia para o treinamento marcial, e que os treinos eram mais intensos e com muito mais contato físico do que nos dias de hoje. Enfatizou que o que aprendiam em Okinawa, berço do karate, não continha elementos esportivos presentes no karate atual, que o foco do treinamento era aprender a lutar. O mestre narrou que os treinamentos ocorriam na casa dos instrutores, que se dava uma pequena contribuição financeira e que ao se adquirir maiores habilidades era importante auxiliar na instrução dos recém chegados (GUSHI, 1996). O mestre descreveu de forma breve como foi realizado o seu exame de faixa preta, além de fornecer informações que possibilitam compreender a importância desse rito:

*em 1958 nosso primeiro exame de dan foi realizado em Okinawa. Nossos respectivos instrutores nos disseram para comparecer e um grande número de instrutores mais velhos examinaram nossas técnicas básicas e nossa performance de kata. Depois nos foi dito para lutar entre nós [...]. Nós fizemos o Sanshin enquanto os instrutores nos testavam nos golpeando e dando socos enquanto performávamos o kata. Então nós fizemos o Sanseru na frente dos instrutores mais velhos então nos foi dito para lutar (GUSHI, 1996).*

<sup>5</sup> Documento obtido no site da Federação Paulista de Karate Interestilos, disponível em: <<<http://www.fпки.com.br/?pg=impressos>>>. Acesso em: 20/08/20.

<sup>6</sup> <<<https://youtu.be/HUFyUiLBONs>>> Exemplo de exercícios de kihon do estilo Uechi-Ryu de karate. Acesso em: 20/08/20.

<sup>7</sup> <<<https://youtu.be/B7YDkZrJ-V0>>> exemplo de kata de nível iniciante, <<[https://youtu.be/y5ut-dmu\\_cY](https://youtu.be/y5ut-dmu_cY)>> exemplo de kata de nível avançado, ambos executados pelo Sensei Gushi. Acesso em 20/08/20.



A breve descrição executada por Gushi Sensei fornece elementos que possibilitam a comparação com os exames de faixa realizados nos dias de hoje. O Sensei descreve a sequência de avaliação, que de forma geral, permanece a mesma. Conforme este relato, a avaliação se iniciou pela demonstração das técnicas básicas, na sequência foi realizado o *kata Sanshin*, o primeiro a se aprender e mais básico do estilo, realizando inclusive sua aplicação em que os instrutores golpeiam os alunos durante a sua realização. Em seguida foi avaliado o *kata Sanseru*, geralmente requerido para candidatos que já possuem a faixa preta e estejam em nível avançado. Por fim, fora avaliado a performance de combate dos candidatos. Gushi Sensei fora arguido em relação à realização das lutas, umas das últimas e mais importantes fases de avaliação de um exame de faixa:

*Não era como é agora. Nós sempre fomos ensinados no dojo apenas a atacar e derrotar o inimigo. Não fizemos uma base e depois movimentamos com cautela. Fomos diretos um ao outro, e usando o Sanshin, tentamos evitar ferimentos enquanto atacávamos o oponente. Apenas socos diretos na face foram proibidos, todo o resto foi permitido, então nós atacamos com tudo e tivemos um grande número de alunos feridos. O problema foi que os instrutores que deveriam conduzir a graduação ficaram tão encantados com as lutas que esqueceram de nos parar. Apenas quando um dos dois combatentes começava a ser seriamente atacado que eles lembravam de intervir, e até esse tempo chegar, dez minutos de luta sem limites já tinha acontecido (GUSHI, 1996).*

Através deste relato é possível perceber quão intensos eram os exames de faixa no passado, anteriores aos processos de grande difusão e esportivização da arte, principalmente no momento da luta. Era necessário mostrar os conhecimentos das técnicas e também o domínio técnico em situação de combate real, e além disso, demonstrar capacidade física para receber golpes com grande contundência e continuar a lutar. Gushi Sensei (1996), relata que terminou o exame de graduação bem, que sobreviveu às batalhas e que fora aprovado. Afirmar também que a partir deste período grandes transformações ocorreram na arte para que se tornasse mais acessível, possibilitando a prática de um público maior e reduzindo o uso de técnicas com grande poder contundente e combates severos.

Imagem 1: Gushi Sensei executando aplicação do *kata sanshin* em um aluno.



Fonte: Youtube: <<<https://youtu.be/adJSQQZzKHU>>>



Grandes poderes são carregados de grandes responsabilidades, e por isso é exigido grande esforço físico e cognitivo de cada candidato para que se obtenha a aprovação e goze do direito de utilizar uma faixa preta. Alguns elementos técnicos são comuns ao relato de Gushi Sensei e às orientações definidas pela Confederação Brasileira de Karate Interestilos, o que leva a perceber que partes do rito persistem ao longo dos anos. Percebe-se a alteração qualitativa do sujeito e a passagem de um status social para outro, o que leva a possibilidade de contextualização com o conceito de ritos de passagem.

### 3 RITOS DE PASSAGEM

Ao longo da vida, o ser humano é submetido a diversos ritos e cerimônias que marcam diferentes contextos, situações e estados. O conceito de ritos de passagem carrega classificações em relação aos ritos quanto a sua finalidade, são elas: ritos de separação, a exemplo dos funerais; ritos de margem, tais como, noivado, e ritos de iniciação; ritos de agregação; matrimônio. As cerimônias podem ser individuais ou coletivas e têm grande importância dentro de seu contexto específico, estabelecendo novos estados, condições, destaques e obrigações para os que se envolvem nessas cerimônias (GENNEP, 2012).

Turner (1974), afirma que diversos estudiosos dedicaram esforços na elucidação do conceito de ritos de passagem através das mais diferentes óticas epistemológicas e metodologias de análise, e que não fora negada a importância desses ritos e crenças para a transformação das estruturas humanas, sociais e psíquicas, presentes nas sociedades antigas, clássicas e também contemporâneas. Um dos autores citados por Turner (1974), é Arnold Van Gennep (2012), que aborda o conceito de ritos de passagem e suas determinações de estado, posição social e suas influências nas relações cotidianas. Aprofundando neste conceito, Turner (2005), afirma que:

Ritos de passagem existem em todas as sociedades, mas tendem a alcançar a sua expressão máxima nas sociedades de pequena escala, relativamente estáveis e cíclicas, onde a mudança está em estreita correlação com as recorrências e ritmos biológicos, muito mais do que com as inovações tecnológicas. Tais ritos indicam e constituem transições entre estados. Por “estado” entendo, aqui, “uma condição relativamente fixa ou estável”, e tenderia a incluir, no seu significado, certas constantes sociais, como estatuto legal, profissão, cargo público ou ocupação habitual, posição ou categoria (TURNER, 2005, p. 137)

É possível compreender a necessidade de tais ritos, sobretudo nas sociedades de pequena escala que, por vezes, tende a estabelecer relações sociais e hierarquias diferentes das sociedades de grande escala, que podem ter estes processos ritualísticos diluídos de forma mais homogênea e corriqueira na vida ordinária. Tais ritos se fazem de grande importância quando as sociedades estabelecem relações hierárquicas mais severas, as cerimônias têm o papel de classificar os sujeitos e determinar novas relações sociais, tarefas e comportamentos que doravante se fazem necessários. São cerimônias importantes para o sujeito e também para a comunidade na qual se insere.



Turner (2005), relaciona os ritos de passagem com processos de transição e transformação de sujeitos, para que tais transformações sejam efetivadas se faz necessário realizar as cerimônias com a finalidade de outorgar novas prerrogativas e obrigações para com o grupo. Os ritos de passagem seguem uma sequência lógica e compreendem diferentes fases para que se ateste a competência dos indivíduos, e mais uma vez remetendo a Genep (2012), Turner (2005), apresenta as fases que são executadas e tais ritos, sendo elas: separação, margem (*limen*) e agregação:

A fase inicial de separação compreende o comportamento simbólico que se refere ao afastamento do indivíduo, ou do grupo, seja de um ponto fixo anterior, na estrutura social, ou de um conjunto de condições culturais (um “estado”); durante o período liminar, interveniente, o estado do sujeito ritual (o “passageiro”) é ambíguo; ele percorre um reino que tem poucos ou nenhum dos atributos dos estados passado ou vindouro; na terceira fase a passagem é consumada. O sujeito do rito, individual ou corporativo, encontra-se, uma vez mais, numa condição estável, em virtude da qual tem direitos e obrigações de um tipo “estrutural” claramente definido, e dele se espera um comportamento de acordo com certas normas costumeiras e certos padrões éticos (TURNER, 2005, p. 138)

Tais fases são necessárias ao rito para que o sujeito possa demonstrar domínio suficiente dos conjuntos éticos e estéticos de acordo com sua posição social, são também necessários para a comunidade, para que se possa assimilar os processos realizados durante a celebração e seus resultados. Na fase de separação, o sujeito é destacado dos demais membros do grupos que não participarão. Na fase liminar ocorrem os flagelos e provações para que se mostre competência. Na fase de agregação o sujeito volta a ser inserido na comunidade, porém, em um estado diferente do inicial, onde se goza dos benefícios de uma posição social superior.

É possível relacionar o momento do ritual como a realidade teatral que Schechner (2011), desenvolve. Segundo o autor, a realidade teatral é “não ordinária”, uma realidade para ocasiões especiais. Tais situações são coletivas e marcadas por máscaras, figurinos, ações estabelecidas segundo regras e comportamentos estéticos. Momentos que ocorrem em uma ruptura da vida cotidiana, a exemplo de iniciações, casamentos e funerais, são ritos, de forma semelhante a explicitada anteriormente por Turner (2005).

Schechner (2011), faz uma relação entre o teatro, o esporte e os rituais. O autor afirma que as cenas executadas no teatro, os movimentos executados no esporte e as diferentes fases dos rituais são calculadas anteriormente com antecedência, como palimpsestos, sendo um constante processo de rejeição e reposição. Existe grande preparo e expectativa para a realização de tais cerimônias, o que salienta sua importância. O autor afirma ainda que durante os rituais ocorrem performances de transformação:

Performances de transformação são evidentes em ritos de iniciação, cujo propósito é exatamente transformar pessoas de um status ou identidade social para outro. Uma iniciação não só marca uma mudança, mas é ela mesma a maneira pela qual as pessoas alcançam o seu novo eu: sem performance, sem mudança. (SCHECHNER, 2011, p. 164).



De forma semelhante aos ritos de iniciação, os ritos de passagem, são a ruptura de um antigo sujeito para um novo sujeito. Através desses rito que o sujeito alcança outro nível social dentro de sua cultura, seja em um casamento, um Bar/Bat Mitzvah ou uma formatura. As performances executadas durante o rito são fundamentais para a transformação do sujeito, para a marcação de um nova etapa da vida e das novas relações sociais que virão a ser estabelecidas, são essenciais para que o rito aconteça de forma satisfatória e se atinja a finalidade objetivada.

Através da breve explicitação acima é possível estabelecer as relações que as diversas fases dos ritos de passagem têm com as fases de um exame de faixa no karate. É possível recorrer ainda a Turner (2005) e Schechner (2011), para que se compreenda as relações de hierarquia, fases do rito, e também os acontecimentos desses ritos. Tais conceitos serão abordados a seguir, onde se faz possível compreender o caminho que um faixa branca percorre até que se torne um faixa preta.

#### 4 SEPARAÇÃO, MARGEM E AGREGAÇÃO NO EXAME DE FAIXA

Conforme explicitado anteriormente, os ritos de passagem possuem fases específicas para sua realização: separação, margem (*limen*) e agregação. São momentos importantes para o grupo que realiza tal rito e para o sucesso do processo. É possível compreender a estrutura organizacional do exame de faixa de acordo com as fases dos ritos de passagem. A fase da separação ocorre quando são reunidas apenas as pessoas que participarão do exame. Colocam-se diante da banca apenas os candidatos que estão aptos para a avaliação, os candidatos que já possuem o tempo de prática e as habilidades motoras e cognitivas correspondentes à próxima etapa qualitativa na arte marcial.

Após a separação dos alunos, os procedimentos iniciais para a cerimônia e a saudação inicial, acontecem as demonstrações e avaliações. É possível compreender este como o período de margem, de liminaridade, que tem destaque no sentido de acontecimentos performáticos. Segundo Turner (1974), a liminaridade pode ser considerada como um período de exame dos valores e axiomas da cultura. É neste período liminar que as performances dos alunos são examinadas, o padrão de execução e desempenho das técnicas e das respostas aos questionamentos passam pelo crivo dos avaliadores.

Turner (2005), afirma que o comportamento dos neófitos é de submissão e obediência em relação aos instrutores e igualdade entre os pares nos ritos que possuem o período liminar. A relação de hierarquização é marcante no karate, onde os alunos menos graduados respeitam os mais graduados e todos respeitam e admiram os instrutores, sobretudo nos exames de faixa, em que o aluno está diante de uma banca examinadora com instrutores graduados colocando-se à prova. Turner (1974), descreve comportamentos de neófitos em rituais de iniciação e puberdade que também são pertinentes aos exames de graduação no karate, acontecendo de forma semelhante:





Seu comportamento é normalmente passivo e humilde. Devem, implicitamente, obedecer aos instrutores e aceitar punições arbitrárias sem queixa. E' como se fossem reduzidas ou oprimidas até a uma condição uniforme, para serem modeladas de novo e dotadas de outros poderes, para se capacitarem a enfrentar sua nova situação de vida (TURNER, 1974, p.118)

Os neófitos demonstram humildade e certa passividade em tais cerimônias, obedecem os instrutores, aceitam flagelos, sofrem punições em prol de demonstrar suas capacidades. Este momento liminar fica claro no relato de Gushi Sensei (1996), quando descreve os momentos de seu exame de faixa. A ação de performar o *kata sanshin*<sup>8</sup> enquanto se é testado pelo instrutor, recebendo socos, chutes e golpes a fim de aferir a resistência corporal do aluno, é um dos exemplos que se conectam com os apontamentos de Turner (1974) deste período liminar do rito.

A demonstração de que se pode receber fortes golpes e continuar de pé realizando o exercício, as demonstrações de técnicas e execução de combates são partes importantes do rito. Se faz necessário demonstrar a força física que tem um faixa preta, se faz necessário demonstrar o conhecimento das técnicas, se faz necessário demonstrar a correta apreensão do *kata*. Além de saber, o candidato à faixa preta deve performar esses conhecimentos, mostrar que sabe fazer. O período liminar do rito carrega a tensão, apreensão, e as expectativas de alunos e instrutores, é o momento que determina quem será aprovado e se tornará um faixa preta e quem será reprovado.

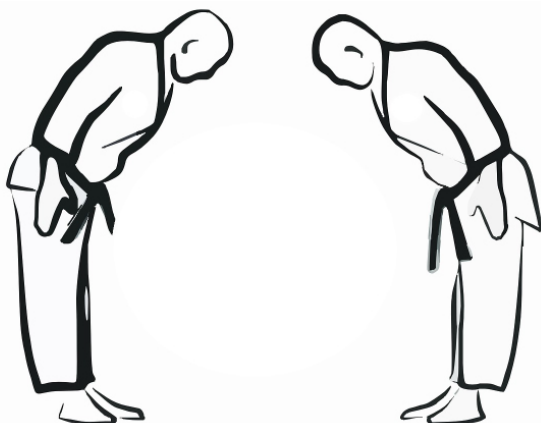
Através destes elementos, se tem a possibilidade de compreensão de que a cerimônia do exame de faixa se dá através da performance dos candidatos. Instrutores sérios e experientes dão a oportunidade de ingresso no exame de faixa apenas aos alunos que já se encontram preparados para essa responsabilidade dentro da cultura marcial, alunos que já tenham maturidade física, psíquica e técnica. Da mesma forma, as bancas de avaliação sérias apenas aprovam as pessoas capazes. Encontra-se então a necessidade e importância do ato performático, além do instrutor saber que o aluno é capaz, além de o aluno se autorizar capaz, é necessário demonstrar essa capacidade.

Percebe-se então a importância e a dificuldade do período liminar, que corresponde à maior parte do rito. Após as demonstrações de exercícios de *kihon*, *kata*, da luta que é o *kumite*, e demais solicitações da banca, os candidatos são retirados do tatame e vão para um local externo ou que não possibilite contato com a banca e os instrutores, e da mesma forma que defesas de dissertações de mestrado e teses de doutorado, a banca faz a discussão acerca dos candidatos. Os momentos seguintes correspondem ao momento de agregação, os alunos são convidados a retornarem ao tatame para os procedimentos finais do exame de faixa.

<sup>8</sup> <<<https://youtu.be/adJSQQZzKHU>>> Exemplo de aplicação do kata descrito por Gushi Sensei. Acesso em 11/10/2020.



Imagem 2: Desenho representando dois praticantes de arte marcial executando o cumprimento tradicional japonês.



Fonte: Pixabay.

Ao retornarem e se enfileirarem conforme o alinhamento tradicional japonês, são dados os resultados e também comentados os desempenhos individuais de cada aluno. Em alguns locais de treinamento se faz a entrega da faixa e do certificado em um dia posterior ao exame, em outros esse momento ocorre no mesmo dia do exame, em ambas as formas, o momento de agregação, geralmente, é o mesmo: O instrutor ou membro da banca se dirige ao aluno, executa o cumprimento tradicional japonês realizando uma leve inclinação do tronco, desamarra a faixa marrom<sup>9</sup>, amarra a faixa preta e executa o cumprimento mais uma vez. Ao finalizar todas as entregas se executa a saudação final e se dá o encerramento da cerimônia.

A tradição oral nos apresenta histórias de celebrações comemorativas coletivas após o rito do exame de faixa, com farta comida e bebida, em forma de festejar e parabenizar o novo status de artista marcial alcançado. Dentro da cultura marcial, este também é um momento importante, de comemoração com os pares e o resto da comunidade, pois se apresentam os novos faixas preta, os que darão prosseguimento à cultura e aos ensinamentos apreendidos durante longos e árduos anos de treinamento. Além de o rito ser importante para o sujeito, se faz importante também para a comunidade, que poderá manter viva a tradição.

Alguns aspectos das manifestações da cultura popular não são percebidos da mesma forma e podem variar de acordo com a localidade e todos os seus processos de difusão e desenvolvimento. Nesse sentido, alguns dos aspectos descritos acima podem divergir da realidade de algumas escolas, locais de treinamento ou metodologias de treinamento de karate. É necessário enfatizar que podem existir variações e divergências dos exames de faixa executados ao redor do globo, entretanto, o rito do exame de faixa geralmente segue essa lógica. Salienta-se que este artigo apresenta um ponto de vista deste fenômeno de acordo com o referencial teórico consultado e com a metodologia de análise utilizada, não se tratando de uma verdade inquestionável, mas de um modo de perceber as características dessa arte.

<sup>9</sup> Conforme dito anteriormente, cada sistema possui diferentes cores de faixa, porém, via de regra, a faixa que precede a faixa preta é a faixa marrom. Em alguns casos específicos, seja por tempo de prática ou por habilidades excepcionais, é aceito um candidato com faixa anterior à marrom.



## 5 DE KOHAI A SENSEI

Pela tradição oral diz-se que o faixa preta é um faixa branca que nunca desistiu. Diz-se que a partir da faixa preta é que se começa, de fato, a aprender sobre o karate, frase também utilizada em outras artes marciais que compreendem a faixa preta como um símbolo de persistência, prática e aprendizado. Mesmo que o aluno se torne um faixa preta será um eterno aprendiz de um arte que busca a perfeição, e permanecerá na prática mesmo sabendo que a perfeição não é uma condição humana, o caminho das mãos vazias continua dia após dia, dentro e fora do *dojo*. A partir da faixa preta é que se tem a possibilidade de abertura para deixar de ser aluno e se tornar um instrutor.

Após a entrega da faixa, o aluno permanece treinando com seu instrutor, tendo doravante a possibilidade de ser também um, entretanto, não existe a obrigatoriedade de que siga este caminho. É comum que faixas pretas recém formados continuem seus treinos com seu instrutor, tendo um papel de destaque no *dojo*, dando suporte a alunos novatos, auxiliando o instrutor em momentos de demonstrações de técnicas e também sendo útil para necessidades relacionadas ao treino. Gushi Sensei relata que este era um comportamento comum em seus anos de treinamento, quando fora arguido se realizava contribuições em dinheiro:

*Nós treinávamos na casa de Uehara Sensei, o que era comum naquela época, as pessoas não tinham dojos. Quando nós nos tornávamos mais habilidosos nós ajudávamos a treinar os mais novos, e dávamos a aula quando o sensei não podia, e essa era a nossa contribuição ao invés de dinheiro. Artes marciais de verdade não são um negócio, é frequentemente praticado em pequenos grupos como nós ainda fazemos hoje em dia (GUSHI, 1996).*

A possibilidade de começar a lecionar a arte também é validada, caso o faixa preta se autorize instrutor, sinta a capacidade de levar a arte adiante e também tenha o aval de quem o formou. *Sensei* é o pronome de tratamento utilizado para os professores e mestres no Japão, um de seus significados é “aquele que nasceu antes”. A palavra carrega o símbolo de respeito e sabedoria dentro das artes marciais, pela consciência de que para atingir esse degrau se leva anos de prática e dedicação. A passagem de *kohai* para *sensei* não se dá apenas pela faixa preta, mas pelo estudo, persistência, e reconhecimento entre os pares de sua capacidade. O exame de faixa preta é apenas o início deste percurso.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os estudos relacionados a culturas populares e tradicionais por vezes é delicado e conflituoso, muitos dados importantes são encontrados nas falas de pessoas relevantes, e nem sempre têm correspondentes na produção acadêmica. A entrevista de Gushi Sensei (1996), traz dados que possibilitam a compreensão de importantes elementos do karate e do treinamento marcial, a partir da relação desses dados com o suporte científico se tem a possibilidade de elucidação dos objetivos elencados para esta reflexão.



Foi descrita a execução de um exame de faixa preta, a partir da descrição de um *sensei* e também de uma séria instituição de tradição que apresenta décadas de trabalho em prol do karate. A relação dessas informações permite compreender como era a execução do rito de se formar um faixa preta em tempos de desenvolvimento da arte e perceber que muitas das tradições executadas no Japão ainda são preservadas e tratadas com a devida seriedade. Cada momento do rito tem sua importância para a avaliação da performance do candidato e para a determinação de uma possível aprovação ou reprovação.

A literatura consultada elucida o conceito de ritos de passagem, e além disso, permite compreender e relacionar o exame de faixa preta como um importante rito dentro da cultura de arte marcial, elucidando as diferentes fases do rito e sua execução por professores e alunos. É possível interpretar o exame de faixa preta como um rito de passagem no karate, que demonstra a passagem qualitativa dos sujeitos que se submetem à avaliação. O rito se faz fundamental para marcar uma nova fase para a pessoa que pratica o karate, com diferentes responsabilidades, atribuições e prerrogativas.

Por fim, percebe-se o papel fundamental que as performances exercem neste momento da arte marcial. A performance dos elementos de *kihon*, *kata*, *kumite*, a performatização dos elementos marciais e a elucidação das questões propostas são o meio de observação e avaliação da pessoa submetida ao exame de faixa. A avaliação se dá pela performance, e através dela, os instrutores com maior experiência poderão validar a passagem e a aprovação. A performance do artista marcial é o elemento central do processo, demonstrado sua capacidade e assimilação de anos de treinamento, e de séculos de aprendizado repassado de *sensei* a *kohai*, de *sensei* a *sensei*, do Japão para o mundo.

## REFERÊNCIAS

FUNAKOSHI, G. **Karatê-Dô: meu modo de vida**. São Paulo: Cultrix, 2000.

GENNEP, A. V. **Os ritos de passagem**: estudo sistemático dos ritos da porta e da soleira, da hospitalidade, da adoção, gravidez e parto, nascimento, infância, puberdade, iniciação, coroação, noivado, casamento, funerais, estações, etc.; tradução de Mariano Ferreira, apresentação de Roberto da Matta. Petrópolis, Vozes, 2012.

GUSHI, S. **A remarkable exponent of the Uechi Ryu form of karate**. Dragon Times, 1996. Entrevista realizada pela revista Dragon Times, conduzida nos estúdios da Tsunami Productions em Oxnard, Califórnia. Disponível em: << <https://www.dragon-tsunami.org/Dtimes/Pages/articleg.htm>>>. Acesso em: 19/07/2020 às 01:10.

MARCONI, M. A. LAKATOS, E. M. **Fundamentos da metodologia científica**. 5ª ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MATTSON, G. E. **Uechiryu karate do: Classical Chinese Okinawan Self Defense**. Newton, Peabody. 2009.

SCHECHNER, R. Performers e espectadores - Transportados e transformados. Tradução:



---

Selma Treviño. **Moringa**: João Pessoa, Vol. 2, n. 1, 155-185, jan./jun. de 2011

TURNER, V. W. **Floresta de símbolos: Aspectos do ritual Ndembu**. Tradução: Paulo Gabriel Hilu da Rocha Pinto. Tradução e revisão técnica: Arno Vogel. Niterói: EdUFF, 2005.

TURNER, V. W. **O processo ritual: estrutura e anti-estrutura**. Tradução: Nancy Campi de Castro. Petrópolis. Vozes, 1974.

Submetido em 19/01/2021

Aceito em 22/02/2021

Publicado em 04/2021